

A AÇÃO CLÍNICA E A ERA DATÉCNICA MODERNA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DA PRÁTICA PSICOLÓGICA

Ellen Fernanda Gomes da Silva
Danielle de F. da C. C. de Siqueira Leite
Carmem L. B T. Barreto
(UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco)

Resumo

A influência do pensamento técnico hegemônico se apresenta no campo da Psicologia. Diante de tal contexto, psicólogos e pesquisadores, que exercem sua ação orientados pela perspectiva fenomenológica existencial têm procurado pôr em questão os fundamentos vigentes de controle, instrumentalidade, técnica a fim de buscar outras possibilidades para a compreensão e intervenção na clínica psicológica. Tais profissionais têm apontado a experiência de insuficiência das construções técnico-científicas assumidas pela Psicologia. Nessa direção, este estudo objetiva, por meio da revisão bibliográfica e reflexão teórica, contribuir para discutir a ação clínica psicológica atravessada pelo referencial do pensamento fenomenológico existencial, ao modo de Martin Heidegger, em algumas modalidades de prática psicológica.

Palavras-chave: Ação clínica; Perspectiva fenomenológica existencial; Técnica moderna; Psicologia; Prática psicológica.

Abstract

The Clinical Action and the Age of Modern Technique: An Understanding Phenomenological Existential of Psychological Practice

The influence of the hegemonic technical thought presents itself in the field of psychology. Faced with this context, psychologists and researchers, who exert their action guided by existential phenomenological perspective have sought to question the existing foundations of control, instrumentality, technique in order to seek other possibilities for understanding and intervention in clinical psychology. Such professionals have pointed out the lack of experience of technical and scientific constructions undertaken by Psychology. In this sense, this study aims, through literature review and theoretical reflection, contribute to discuss the psychological clinic crossed by action reference the existential phenomenological thought, the manner of Martin Heidegger, in some types of psychological practice.

Keywords: Clinical action; Existential phenomenological perspective; modern technique; psychology; Psychological practice.

Introdução

O profissional de Psicologia comumente é considerado pelo senso comum como aquele que possui as respostas para as interrogações de seus pacientes; técnico conhecedor de um saber específico, o qual pode ser aplicado de modo a transformar e adaptar o comportamento humano, na busca pela cura. Nessa direção, seus conhecimentos correspondem à verdade acerca de determinadas questões, possibilitando a criação de teorias que visam explicar o homem e seu funcionamento. Tal posição, ainda observada atualmente, reflete o atravessamento de pressupostos metafísicos nas teorias e práticas psicológicas.

Nessa perspectiva, os profissionais de Psicologia lançam mão, em seu fazer, de modelos padronizados e previamente definidos de intervenção, assim como de técnicas de cura projetadas dentro de uma margem de previsibilidade e eficácia. Ora, com tais atitudes, não é de se estranhar que os psicólogos sejam enquadrados no rol de “técnicos da saúde”. Técnicos que estão a serviço de um modelo de saúde encapsulado em pressupostos que delimitam modos de ser-saudáveis em oposição ao adoecimento, determinando os

modos de estar no mundo socialmente aceitos e perseguidos a qualquer custo.

Diante de tal cenário, a presente investigação objetiva dialogar com o pensamento filosófico de Heidegger, suas críticas à ciência moderna e aos pressupostos metafísicos, com vistas a nortear a compreensão da ação clínica do psicólogo, reconhecendo que esta poderá fundamentar-se em outras perspectivas, como abertura fenomenológica à existência. Nesse percurso algumas contribuições das reflexões heideggerianas serão trazidas à luz, partindo da possibilidade compreensiva de que, a partir de sua Analítica Existencial desenvolvida em “*Ser e tempo*” (Heidegger, 2008) e de suas críticas ao fenômeno da técnica moderna, oferece subsídios para se pensar outra compreensão do tempo, do espaço e da existência humana.

Heidegger e a Técnica Moderna

*“Hoje o tempo voa amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir”.*

(Lulu Santos)

O tic-tac do relógio raramente serve de trilha sonora para o dia a dia contemporâneo. Quem sabe, depois de ter

sido digitalizado, o relógio não tenha atendido aos apelos do imediatismo, da volatilidade, das práticas capitalistas do mercado, da globalização e suas consequências, do crescimento do individualismo, do consumo voraz e da liquidez das relações.

É sabido, conforme expõe Pompeia e Sapienza (2011), que no projeto contemporâneo a técnica se levanta como uma rainha. Esta saiu da singeleza de um “pro-duzir” preservador da singularidade da obra para reduzindo-se a um procedimento caracterizado pelo cálculo, controle, exploração à serviço do lucro da satisfação dos desejos de quem ela serve. Nessa lógica de instantaneidade, tudo o que há, inclusive o homem, pode ser substituído, transformando-se, assim, em amontoados de lixos, objetos descartáveis a qualquer momento e a todo custo.

Nessa direção, Duarte (2010) afirma que a tecnologia, na época contemporânea, se apresenta como uma segunda natureza humana, visto sua influência nas relações conosco mesmos, com os outros e com o mundo. Os benefícios advindos das descobertas tecnológicas oferecem a sensação de vivermos no melhor dos tempos. Contudo, as devastações ambientais, a poluição, a competitividade, a violência e o

individualismo revelam os riscos que estamos envolvidos na época atual.

Heidegger (1981) toma a técnica como questão com a pretensão de interrogar acerca de sua essência. Ora, o caminho do pensamento heideggeriano não é chegar a resultados que apontem para uma representação da técnica. Trata-se de distanciar algumas concepções correntes que se fundamentaram como visões da técnica, para assim libertar a sua essência. Assim, nos convida à superação da nossa atitude oscilante entre o louvor das maravilhas da moderna tecnologia e o temor do desastre tecnológico mais sombrio.

Diferentemente do seu sentido originário, apresentado pelos gregos como *techne* - o qual se ocupa com um processo de “desocultamento” que aguarda, possibilitando trazer o ente à luz da presença – a técnica moderna não tem uma relação harmoniosa com a natureza, antes, a provoca ao custo de uma demasiada agressão, obrigando-a a liberar suas forças e energias. Segundo Heidegger (1959, p.19): “a natureza transforma-se num único posto de abastecimento gigantesco, numa fonte de energia para a técnica e indústrias modernas”, inclusive o próprio homem é tomando como fundo de reserva a ser explorado.

Importa situar que Heidegger não propôs o abandono da ciência e dos artificios tecnológicos, mas sim uma absoluta contraposição ao ideal dominador e equacionador da “técnica moderna”. Sua interrogação não se revela como um questionar ingênuo, que visa negá-la ou mesmo desconsiderar seus benefícios, mas dá-se no sentido de um ultrapassamento, à medida que se volta para resgatar seu sentido mais originário. A este respeito Heidegger (1959, p. 23) alerta que “seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como obra do diabo. [...] Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos que nos tornamos seus escravos”.

Por essa via, realizou um exame crítico do absolutismo incondicional da ciência e sua cegueira quanto às dimensões ontológicas do humano “em cujo rastro o ser-homem do homem ocidental ameaça sucumbir” (Heidegger 2001, p. 129). Este posicionamento metafísico é característico das investigações científicas e filosóficas ontologicamente insuficientes, as quais marcam a época técnico-científica na qual nos encontramos.

Na tentativa de ampliar essa discussão, a seguir, Michelazzo (2000) será tomado como referência. Ao problematizar

a devastação da terra, a massificação do homem e a fuga dos deuses como fenômenos que surgiram desde a Modernidade, Michelazzo oferece possibilidades para caracterizar a técnica e o conseqüente obscurecimento do mundo.

Inicialmente o autor apresenta a devastação da Terra enquanto fenômeno crescente desde a Revolução Industrial. Na condição de “senhor da terra”, o homem arrogou para si o direito de derrubar as matas e florestas para alimentar o mecanismo da reprodução e do consumo da sociedade moderna. Tal ação desconhece limites e fronteiras.

Seguindo o fluxo da voracidade, o homem também é tomado como fundo de reserva, “o melhor dos recursos para a produção, a melhor das demandas para o consumo” (Michelazzo, 2000, p.105). Em meio à massificação, o homem é mais um, envolvido no falatório do cotidiano, frequentador dos mesmos lugares, seguidor da moda. Nessa linha de pensamento, Vattimo (1996) situa que a instrumentalização do mundo pode ser percebida na ditadura da publicidade, a qual tem tudo à amostra. Com a falta de mistério há somente o “ainda-não” descoberto ou não explicado pela ciência. Nesse sentido, a reflexão sobre a técnica é fundamentalmente uma crítica à representação, a qual reflete o

esvaziamento total do ser em um mundo convertido em imagem.

A continuidade de questionamentos sobre o obscurecimento do mundo é também marcada por outro traço: a fuga dos deuses. É a época do afastamento do esplendor da divindade, na qual nenhum deus reúne os homens e as coisas em torno de si. Com este fenômeno o mundo perde ainda mais o fundamento que dá sentido às coisas. Para suportar esse vazio, geralmente, preenchem suas vidas com coisas e pessoas, as quais ofertem algum tipo de sentido, seja ele efêmero ou irreal.

A partir das considerações acima referidas, pode-se apontar que o crescente domínio da técnica moderna torna evidente, no dizer de Heidegger, a perda do sentido do ser, o seu desenraizamento. Diante desse cenário a psicologia é convidada a refletir e questionar: Como nos posicionar diante da destituição do brilho e da estranheza constitutiva do fenômeno compreendido como mundo? De que modo a intervenção do psicólogo pode contribuir para acompanhar a quem solicita ajuda para lidar com as exigências provenientes da técnica moderna? Qual o nosso modo de pensar clínica? Qual o sentido de existência que fundamento nossas práticas profissionais?

A Clínica Psicológica: interrogações possíveis

É inegável o valor da perspectiva metafísica na produção de determinados conhecimentos, mas poderíamos questioná-la na direção de realizar um “diagnóstico” da existência humana, visto a metafísica possuir como um de seus fundamentos a imutabilidade e a precisão.

Teorias psicológicas comungantes dos pressupostos epistemológicos metafísicos operam o esquecimento do ser, ao reduzirem suas possibilidades à superfície da adequação entre a inteligência e o real. Nessa direção, o campo de atuação da Psicologia vigente está previamente estabelecido pela fidelidade às escolas e abordagens psicológicas que propagam e delimitam o modo de interpretar determinadas condutas e o fazer do profissional. As técnicas ditas psicológicas, por exemplo, foram e ainda são aplicadas ao ser humano com vistas à apreensão de uma verdade objetiva acerca de seu comportamento e emoções, numa perspectiva prescritiva e curativa.

O pensamento heideggeriano buscou a “desconstrução” de noções substancializadas do humano, as quais limitam um poder corresponder mais flexível às diversas demandas daquilo que

nos vem ao encontro. A partir da fenomenologia existencial, ao assumirem uma posição crítica acerca da substancialização e objetivação do homem, alguns psicólogos (Barreto, 2013; Boss, 1975; Feijoo, 2013; Pompeia & Sapienza, 2011; Siqueira, 2011; Sá & Barreto) acompanham as reflexões de filósofos ao propor um deslocamento do que “é” o homem para uma aproximação de perspectivas que privilegiam a dimensão ontológica e hermenêutica acerca do sentido do ser, contribuindo para o “desvelamento” de uma outra compreensão de ação clínica.

Na busca iluminação para o caminho a ser trilhado, recorremos a Gadamer (1999), quando questiona o discurso da Modernidade numa perspectiva crítica à metafísica. Em sua obra “*Verdade e Método*”, dentre outras questões, chama atenção para o fato da autocompreensão das Ciências Humanas ser fundamentalmente errônea, ao passo que toma como sustentação a fixidez da verdade. Nessa direção, a hermenêutica proposta por este autor não se submete às regras metódicas das ciências, bem como se desvincula da busca de critérios de validade e verdade universais acerca do conhecimento.

Aproximando-se desta via e também comungando das reflexões

heideggerianas, Boss (1975) deu outra roupagem ao adoecimento. A compreensão fenomenológica não restringe o sofrimento a uma “causa psíquica”, mas remete-o a assumir como tarefa a própria existência. Nessa direção, o adoecimento pode ser compreendido enquanto restrição de possibilidades de ser, reveladora de uma possibilidade de ser e não mais como estado oposto à saúde.

Cabe ressaltar que, na contemporaneidade, os sofrimentos comumente são narcotizados e a angústia encoberta. Na contramão dessa tradição, na clínica psicológica o sofrimento não tematizado pode “encontrar um lugar” para ser refletido/apropriado e o psicólogo pode acompanhar o paciente a ouvir as direções que a crise aponta, ao seu próprio modo.

Com base nessas constatações, Boss (1975) salienta o caráter libertador da ação clínica. Conforme destaca Barreto (2009), a *Daseinsanalyse* objetiva levar o paciente a participar da compreensão da sua condição humana básica numa relação em que o terapeuta, por uma ação de cuidado preocupada, compreendesse o modo de ser de cada paciente. Nessa direção, tem-se a ação clínica como um modo de estar junto ao paciente, que dá abertura para libertar-se na direção de suas

próprias possibilidades de ser, as quais se apresentam ao dialogar e tematizar a sua experiência.

Os psicólogos que se aproximam dos pressupostos heideggerianos ressaltam que a ação clínica, numa perspectiva fenomenológica existencial, não se encaixa aos parâmetros de objetividade, pressa e controle vigentes da técnica moderna, nem se reduz a um fazer previamente definido que pode ser reaplicado independente das especificidades do contexto e da ação. De outro modo, compreendem que a ação clínica não se restringe “à hegemonia da técnica e dos limites traçados pela dicotomia operada pelo pensamento ocidental e mantida pela Psicologia moderna” (Barreto, 2013, p. 39), mas revela-se como um aguardar atento que se dispõe para o “des-velar” do fenômeno sem, todavia, tentar provocá-lo, “cuidando” para não “de-cair” nas armadilhas da técnica moderna e do fazer cientificista.

Ao lado de tais reflexões, a prática psicológica abre-se para uma diversidade de modalidades que visam “atender” as especificidades do desvelar do fenômeno de modo a favorecer uma ação contextualizada singular. Para uma melhor compreensão da ação clínica, a seguir, apresentamos o psicodiagnóstico, o plantão

psicológico e as oficinas de criatividade como modalidades de prática psicológica.

Modalidades de prática psicológica

Psicodiagnóstico

Comungando do determinismo causal, o psicodiagnóstico tradicional dispõe de técnicas sistemáticas interpretativas explicativas, as quais buscam a verdade acerca do modo de ser do paciente. Na aplicação da bateria de testes, o profissional busca adotar uma postura neutra para não interferir na objetividade do seu trabalho, bem como garantir a fidedignidade dos resultados.

Conforme salienta Siqueira (2011), essa prática investigativa e/ou avaliativa atribui ao paciente o lugar passivo de mero informante. Nessa direção, não se compromete com o acolhimento do sofrimento e com a ampliação da compreensão acerca do vivido; em grande medida, destina-se a diagnosticá-lo, colocar em equações suas características, temores e conflitos.

A partir da compreensão fenomenológica existencial, Siqueira (2011) aponta outra visão do psicodiagnóstico, o qual assume caráter interventivo e dimensão colaborativa

comprometida com a demanda que se revela na experiência. Para tanto, ao psicólogo se apresenta o desafio de transitar por terrenos incertos em busca de compreensões acerca das narrativas. Ao paciente, mostra-se outro lugar de atuação: de mero passageiro a parceiro ativo, possibilitando com que compreensões e sentidos sejam construídas na relação. A ação revela-se numa conversação¹, que se abre para a possibilidade de uma fusão² dos horizontes compreensivos do psicólogo e do paciente, “des-cobrimo” outras possibilidades compreensivas acerca do fenômeno interrogado.

O caminho percorrido revela-se na própria ação, não possuindo nenhuma técnica ou instrumento a priori determinado. Neste sentido, a trajetória se faz no próprio caminhar que convoca psicólogo e paciente a estarem juntos na direção de uma tematização – co-

elaboração, abrindo-se para a possibilidade do paciente tornar-se narrador de sua história, apropriando-se.

Plantão Psicológico

Ainda na direção de pensar a ação clínica numa perspectiva da fenomenologia existencial, podemos citar o “Plantão Psicológico” como modalidade de prática psicológica que rompe com o fazer técnico-explicativo próprio da Psicologia Moderna. Na busca de clarear tal afirmação, importa destacar que, assim como o Psicodiagnóstico numa perspectiva fenomenológica existencial, esta modalidade de prática não constitui técnica psicológica, mas se mostra como modo de um estar junto ao paciente num aguardar que espera pelo “des-cobrimento” do fenômeno. Na maior parte das vezes, esse desocultar não se dá no modo do desafio (da provocação), mas como um aguardar atento, que assim como a parteira, vela pelo nascimento, pelo acontecer do fenômeno sem tentar induzi-lo ou produzi-lo.

O Plantão Psicológico, como modalidade de prática psicológica, nasceu no Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (SAP-IPUSP), configurando-se como uma tentativa de atingir e

¹O termo conversação, aqui, afina-se ao sentido tematizado por Gadamer em seus livros: “*Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*” (1999) e “*Verdade e Método II: complementos e índice*” (2004).

²Essa compreensão aproxima-se do sentido de “fusão de horizonte” de Gadamer (1999, 2004), que se dá numa conversação. Para o autor (1999), toda compreensão ocorre numa fusão de horizontes, que se revela na interpenetração de pelo menos dois horizontes compreensivos: o horizonte inerente (determinações prévias) à coisa/ação a ser compreendida; e o horizonte próprio (pressupostos) àquilo que se busca compreender. Reconhece-se, assim, que a compreensão comporta uma série de determinações prévias interdependentes para sua realização, as quais se encontram inseridas no cerne de nossas possibilidades linguísticas.

beneficiar uma parte da população, que não tem acesso às práticas psicológicas tradicionais por diversos motivos, entre eles: o baixo poder aquisitivo e a dificuldade em estabelecer um horário fixo semanal dedicado ao atendimento psicológico em sua rotina de trabalho.

Esta prática pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas, mas para fins desse estudo centraremos na compreensão fenomenológica existencial. Nesta perspectiva, o Plantão pode ser visto como “um lugar em que aquele que chega pode se apropriar reflexivamente daquilo que carrega, onde pode olhar para si, pensar seu caminho” (Nunes & Morato, 2013, p. 262).

O Plantão Psicológico não se caracteriza por um *setting* específico, não apresentando enquadramento prévio – espaço, tempo e configuração predefinida do encontro. Pelo reconhecimento da demanda o Plantão modifica-se em cada instituição, com o objetivo de criar um espaço propício à escuta clínica e ao desvelamento de outras formas de ajuda psicológica, como atendimento em locais abertos, em grupo e/ou em conjunto a outros profissionais (Braga & Custódio, 2009). O Plantão Psicológico, assim compreendido, acompanha o desvelar do próprio acontecimento: paciente e

plantonista encontram-se numa tentativa de responder ao sofrimento que se mostra, buscando compreender possíveis desdobramentos ao modo de ser do paciente.

Oficinas de Criatividade

As Oficinas de Criatividade revelam-se como outro modo do acontecer da ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial, que consiste:

[...] no uso de recursos expressivos de natureza artística como deflagradores de experiências particulares, vividas pelos participantes como facilitadoras da expressão dos horizontes pessoais e da circulação, através de pontos de vista múltiplos, de conhecimentos específicos, sentimentos, valores e crenças (Cupertino, 2008, p. 7).

Assim, como as demais modalidades de prática psicológica apresentadas, as Oficinas de Criatividade se dispõem a um aguardar atento que possibilita um “des-ocultar” de compreensões acerca do fenômeno interrogado; para tanto, faz uso de recursos expressivos, abrindo-se para a possibilidade de uma apropriação do

fenômeno, desvelamento de outras facetas deste, pelo próprio mistério constituinte da arte e da vida.

Esta modalidade surgiu com Christina Menna Barreto Cupertino em sua prática como psicóloga e professora de ensino superior, acontecendo, a princípio, com seus alunos na década de 1990. Para a autora, esta prática destina-se a explorar diversas formas de expressão e de compreensão do vivido, de si mesmo e do outro, assim como o exercício de contextualização e o acesso à alteridade. “Ao abordar valores e preconceitos, manifestos muitas vezes nos trabalhos realizados, ela permite a discussão de questões particulares, grupais e comunitárias, numa perspectiva ética e socialmente engajada” (Cupertino, 2008, p. 7), possibilitando a criação de laços e de redes de acolhimento, as quais podem facilitar as relações estabelecidas.

Dentre essas possibilidades, a ação não se restringe a aplicações e reaplicações de técnicas bem definidas que podem vir a garantir o “sucesso” da intervenção, bem como não tem manuais ou modos determinados de fazer, mas são possibilidades construídas e reconstruídas a cada novo acontecimento. Cabe ressaltar que as modalidades de prática psicológica, a partir da referência fenomenológica existencial, não assumem a compreensão

de verdade como adequação de uma representação a realidade, mas como possibilidade de olhar e ver um fenômeno, que pode ser repensada a cada nova situação - ação.

Nessa direção, a ação clínica não estaria voltada para responder ao conhecimento científico da Psicologia, o qual objetiva, primariamente, encontrar e explicar as causas dos “transtornos existenciais”. A ação clínica, segundo Barreto (2013, p.46) “pode apresentar-se como possibilidade de refletir na busca de um novo enraizamento e, desse modo, pôr-se a caminho via reflexão”. Tal modo de pensar exige esforço, implica numa experiência de abertura ao pensamento que interroga o ser. Todavia, importa destacar que:

[...] um pensamento que medita surge tão pouco espontaneamente quanto o pensamento que calcula. O pensamento que medita, exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício. Contudo, tal como o lavrador, também tem de saber aguardar que a semente desponte e amadureça (Heidegger, 1959, p. 14).

Por fim, é oportuno salientar que a proposta da Fenomenologia não é de substituir uma verdade por outra, nem formular uma condenação à metafísica, mas sim problematizar os limites dessa perspectiva epistêmica e ressaltar a incoerência de sua hegemonia, em nosso caso, principalmente, no que diz respeito à prática clínica e a ação do psicólogo diante do mistério da vida.

Considerações Finais

Refletir a respeito da ação clínica em diversas modalidades de prática psicológica, confrontada com a compreensão crítica da Modernidade, apontada por Heidegger, permite pensá-la não apenas circunscrita pela hegemonia da técnica e dos limites esquematizados, bem como pela dicotomia sujeito-objeto, propagada pela “Psicologia científica”.

Apesar do amplo espaço atingido pelo tecnicismo, a ação clínica psicológica na perspectiva fenomenológica existencial não é uma técnica, pelo menos no sentido moderno de técnica, nem pretende servi-la. Conforme salientam Barreto e Morato (2009), a ação clínica do psicólogo com bases fenomenológicas existenciais pode ser pensada como um procedimento co-

humano criativo, não apreensível por teorias descendentes da conceituação cartesiana de sujeito e de mundo. Por essa via, a ação clínica como um espaço aberto, oferece possibilidades para desconstrução do habitual, da desvinculação de teorias subjetivas, em direção a um olhar direcionado à existência, aos apelos do nosso modo originário de ter-que-ser.

Os questionamentos realizados por Heidegger, ao possibilitarem uma reviravolta nos pressupostos fundantes das teorias psicológicas tradicionais, oferecerem subsídios para pensar a ação clínica e modalidades de prática psicológica a partir da dimensão ontológica existencial do acontecer humano, desvinculada do domínio da técnica, fenômeno essencial da ciência moderna.

Tais considerações nos aproximam do que Heidegger (1959) apresenta em “*Serenidade*”, ao afirmar que, apesar de nossa destinação ser a técnica, podemos dizer “sim” e “não” simultaneamente a esta. Refletindo criticamente à concepção de técnica predominante no paradigma metafísico, Heidegger vislumbra a possibilidade daquilo que “salva”. O psicólogo, nessa direção, assume guia sua ação pela compreensão, deixando, a partir do diálogo, emergir o modo de acontecer daquele que busca a si mesmo, clama por

sua verdade. Resgatando a compreensão de técnica enquanto *téchne*, presente no fazer do artesanato, atentaremos para aquilo que se mostra, cuidando do simples, do mistério de ser.

Referências

- Barreto, C. L. B. T. & Morato, H. T. P. (2009). A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. In: Morato, H. T. P.; Barreto, C. L. B. T. & Nunes, A. P. (Coords). *Aconselhamento Psicológico numa Perspectiva Fenomenológica Existencial: uma introdução*. (pp.41-51). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Barreto, C. L. B. T. (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da Ontologia Fundamental à Questão da técnica. In: Barreto, C. L. B. T.; Morato, H. T. & Caldas, M. T. (Coords). *Prática Psicológica na perspectiva fenomenológica* (pp.27-50). Curitiba: Juruá.
- Boss, M. (1975). *Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial*. São Paulo: Duas Cidades.
- Braga, T. B. M. & Custódio, E. M. (2009). O sentido da prática clínica para uma clínica do sentido: a formação no contexto da atenção psicológica em instituições. In: Morato, H. T. P.; Barreto, C. L. B. T. & Nunes, A. P. (Coords). *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva Fenomenológica Existencial: uma introdução* (pp 101-120). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Cupertino, C. M. B. (2008). Oficinas de Criatividade – uma introdução. In: Cupertino, C. M. B. (Org.). *Espaço de Criação em Psicologia: oficinas na prática* (pp. 7-12). São Paulo: Annablume.
- Duarte, A. (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/GEN.
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2011). *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Heidegger, M. (1959). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

A AÇÃO CLÍNICA E A ERA DATÉCNICA MODERNA: UMA COMPREENSÃO
FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DA PRÁTICA PSICOLÓGICA

Heidegger, M. (1981). *Todos nós... Ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes.

Heidegger, M. (2001). *Seminários Zollikon*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (2008). *Ser e tempo*. 3ªEd. Petrópolis: Vozes.

Gadamer, H. G. (1999). *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes.

Gadamer, H. G. (2004). *Verdade e Método II: complementos e índice*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes.

Michelazzo, J. C (2000). Heidegger e a questão da técnica moderna. *In: Castro, D. S. P. de; Ázar, F. P.; Piccino, J. D. & Josgrilberg, R de S. Fenomenologia e Análise do Existir* (pp. 97-116). São Paulo: Metodista Digital.

Nunes, A. P. & Morato, H. T. P. (2013). Plantão Psicológico no Departamento Jurídico do “XI de Agosto”: relato de plantonistas. *In: Barreto, C. L. B. T.; Morato, H. T. & Caldas, M.T. (Coords). Prática Psicológica na perspectiva fenomenológica* (pp.259-281). Curitiba: Juruá.

Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2011). *Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Rio de Janeiro: Via Veritas.

Sá, R. N. de. & Barreto, C. L. B. T. (2011). A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudo Psicológico*, Campinas, 28(3), 389-394.

Siqueira, D. de F. da C. C. de. (2011). *Psicodiagnóstico Interventivo/Colaborativo: uma prática na perspectiva Fenomenológica Existencial*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Recife, PE.

Vattimo, G. (1996). *Introdução a Heidegger*. Porto Alegre: Instituto Piaget.

ELLEN FERNANDA GOMES DA SILVA, DANIELLE DE F. DA C. C. DE SIQUEIRA LEITE, CARMEM L.
B T. BARRETO

As autoras

Ellen Fernanda Gomes da Silva é psicóloga, mestre em Psicologia Clínica (UNICAP); Doutoranda em Psicologia Clínica (UNICAP). E.mail: ellenfernanda1@hotmail.com

Danielle de F. da C. C. de Siqueira Leite é psicóloga, mestre em Psicologia Clínica (UNICAP); Doutoranda em Psicologia Clínica (UNICAP). E.mail: daniellesiqueira_psico@hotmail.com

Carmem L. B T. Barreto é psicóloga, doutora em Psicologia (USP). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP. Coordenadora do Laboratório de Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial – LACLIFE. E.mail: carmemluciabarreto@hotmail.com